

projeto

CORPO PRESENTE

para

GALERIA NICOLI

Corpos são diariamente organizados e transformados por móveis e arquiteturas.

É intrigante notar que, por um lado, temos a dança moderna libertando o corpo da rigidez do balé clássico (aqui ele deve se adaptar à forma, sem negociações), enquanto, por outro, parece que nos tornamos escravos do próprio mundo que criamos. E os danos são impressos diariamente por meio de gestos, posturas e reações aos estímulos causados pelos móveis que nos cercam.

Se a proposta de muitos coreógrafos contemporâneos é esmiuçar a noção de gestos do cotidiano levando-os ao palco, provocamos aqui uma reflexão sobre estes movimentos sem deslocamento: como o corpo age e reage diante das linhas e forças do mobiliário? Como ele elimina ou potencializa um movimento ou atitude?

O corpo-ativado de cada bailarino, quando repensa sua relação com os objetos à nossa volta, grifa diferentes problemáticas. Nós, vetores, medidas e espaços. Apoio, gravidade, fluidez e equilíbrio. São corpos vivos, flexíveis, mutantes e com limites. Foram eles que aqui ditaram as regras para o nascimento de novos móveis...que nasceram com alma, com corpos presentes.

curadoria beta germano

Basta olhar para Da Vinci, Vitruvius e Le Corbusier, para citar alguns, para perceber que o corpo humano foi sempre uma referência fundamental para a elaboração das medidas das coisas, sejam elas móveis, objetos ou máquinas. "Coisas" são criadas para se relacionarem com corpos.

Se o metro sempre foi peça fundamental para o trabalho de arquitetos e designers, pareceu fundamental, então, criar um objeto de medida a partir dos espaços de alongamento e espaços vazios, energias circulares, ritmos, movimentações, tensões, articulações de Carolina Amares - ou seja: todo tipo de medida que se expande, trazendo conforto ou dor.

A consciência corporal e história particular da bailarina levaria, portanto, o trabalho para além das referências e medidas cotidianas. Entre a precisão matemática e a pesquisa de um hiato abstrato desenvolvido pela percepção humana, o corpo-objeto-dançante (ele também quebra, vira, cai e se coloca no espaço) de Marcelo Alvarenga e Susana Bastos nasce impregnado de racionalidade e abstração, potência e fragilidade, máximo e mínimo, beleza e conflito.



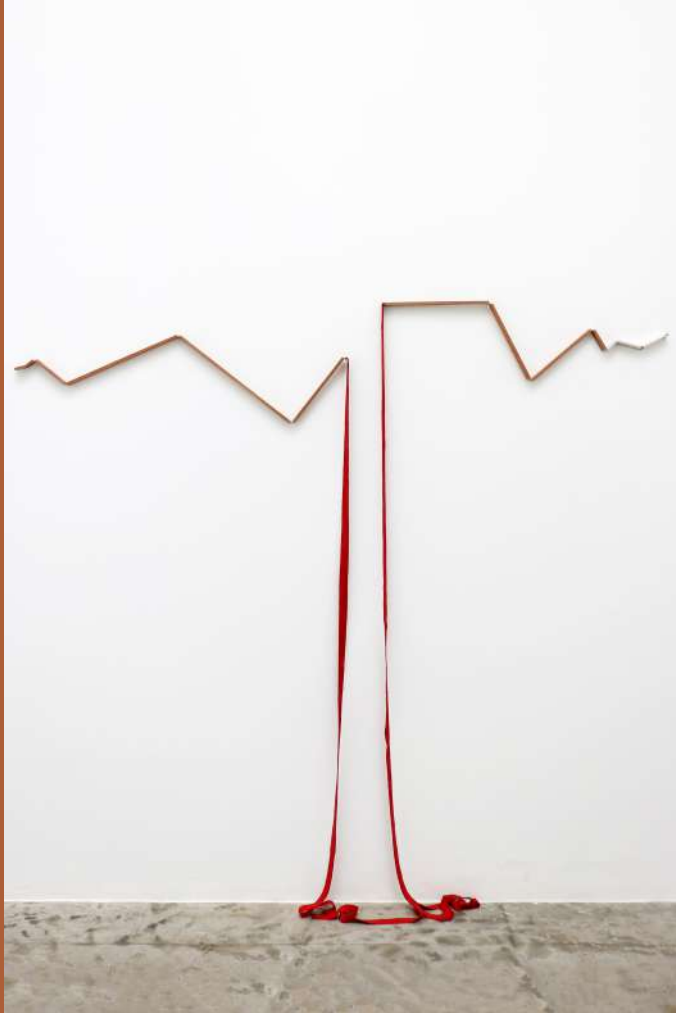
ALVA + CAROLINA AMARES

IMENSURÁVEL (2018)

JEQUITIBÁ E LATÃO COM BANHO DE NÍQUEL

GRAVADOS A LASER E CAMURÇA (PA + 3)

DIMENSÕES VARIADAS



IMENSURÁVEL, de ALVA Design

Uma rede-parangolé. O objeto escolhido por Rodrigo Almeida e Eduardo Fukushima é naturalmente mais acolhedor. É mutante e protetor. Abriga e dança com o corpo-parceiro de vida e pas de deux. Não à toa, a reverência imediata se dá no trabalho de Hélio Oiticica - um apaixonado pelo movimento, pela liberdade e pelo corpo humano. Sobre o Parangolé, Oiticica dizia se tratar da *"incorporação do corpo na obra e da obra no corpo"*, criando uma *"maravilhosa sensação de expansão"*.

A rede, por sua vez, traz elementos e significados potentes para a pesquisa de ambos artistas. Interessados por uma ancestralidade essencialmente brasileira, Almeida e Fukushima vêm a rede-casulo como a semente que nos leva para um momento de interiorização e compreensão do próprio corpo no espaço cotidiano. É, ao mesmo tempo, nascimento de um novo indivíduo que explode e eclode.

Revelado apenas quando Fukushima se movimenta, Casulo cria suporte para o despertar do consciente ou inconsciente e propõe uma reflexão sobre os agentes provocadores das coisas, as pessoas. A conclusão de Oiticica vale também para a obra aqui apresentada. *"A estrutura atinge aí o máximo de ação própria no sentido do 'ato expressivo'". A ação é a pura manifestação"*



RODRIGO ALMEIDA + EDUARDO FUKUSHIMA

CASULO (2018)

COURO TEXTURA CROCODILO, ALGODÃO DE TEAR

MANUAL, SEDA E MANTA ACRÍLICA (PA + 3)

DIMENSÕES VARIADAS



CASULO, de Rodrigo Almeida

De obras de Diego Velázquez e Jan van Eyck até as instalações de Olafur Eliasson, passando por trabalhos de Michelangelo Pistoletto: o espelho sempre foi objeto de fascínio e estranhamento entre pensadores e criativos.

Ao ver a própria imagem representada na superfície mágica, qualquer indivíduo é convidado a sobre uma série de questões: suas possíveis representações, ideias e sentimentos são colocados em jogo. O corpo e a imagem dele se encontram em um momento de suspensão podendo, aqui, confundir, quebrar, transformar e desfigurar o "eu" presente. .

Todas estas questões são cravadas em um bloco de mármore - matéria prima significativa quando lembramos dos gregos e romanos, os maiores estudiosos do corpo humano. A pedra nobre e rígida ganha formas, torções e contornos diretamente ligados aos músculos e às estruturas do esqueleto.

Mas, longe de ser apenas uma máquina articulada, o corpo de Januário pulsa e seus gestos parabólicos criam cenas surreais emolduradas pelo sangue quente, vital e orgânico quebrando qualquer rigidez da superfície fria chamada vidro. O desvio figural que nasce a partir do Corpo Presente leva a discussão física ao patamar psicológico, criando imagens sedutoramente surreais. Como um sonho contemporâneo de Dali.



JULIANA VASCONCELLOS + JANUÁRIO
ESPELHO MIRAGEM (2018)
ESPELHO, MÁRMORE, VIDRO TEMPERADO E
CHAPA METÁLICA (PA + 3)
190 X 98 X 39 CM



MIRAGEM, de Juliana Vasconcellos

Se foram as curvas do corpo que inspiraram Oscar Niemeyer, foram os contornos espaciais, como linhas imaginárias criadas pelos movimentos de Danielli Mendes, que despertaram a criação de Rodrigo Ohtake. Juntos, os artistas viram em chapas de metal dançantes possibilidades de discussões sobre equilíbrios, pesos, forças e formas. O desenho sensual de Ohtake e o brilho do metal convidam ao mergulho fluído e propõem movimentos contínuos e orgânicos, mas a experiência de tato repele no primeiro momento. O corpo é obrigado a parar e a tomar consciência da sua própria estrutura, desejos e limites. Danielli respira fundo e, em estado quase meditativo, desafia regras.



RODRIGO OHTAKE + DANIELLI MENDES

BANCO TORSO (2018)

AÇO CARBONO 8MM COM PINTURA

AUTOMOTIVA E VERNIZ FOSCO (PA + 3)

40 X 155 X 110 CM



TORSO, de Rodrigo Ohtake

GALERIA NICOLI

curadoria beta germano

fotos paulo mendel e henrique uhlmann

filme de paulo mendel

design de som gabriel perin

produção dos filmes BlankTape

styling renata corrêa

assistente de styling jéssica neves

diretor de comunicação e arte gráfica henrique uhlmann

agradecimentos coven, rodrigo almeida, mariana maltoni, bruno simões,

fernanda vieira, glass 11, defriuli mármares, anexo automotiva, joanita paz